

Trabalho submetido à sessão ordinária “Economia Política, Capitalismo e Socialismo”, subseção “Teoria do Valor”.

O SURGIMENTO DO CAPITAL COMERCIAL COMO CATEGORIA QUALITATIVAMENTE INDEPENDENTE: UMA CONTRIBUIÇÃO

Ian Coelho de Souza Almeida¹

Resumo:

Esse trabalho surge como uma contribuição ao aprofundamento sobre a questão do surgimento do capital comercial, como categoria qualitativamente diferente ao capital industrial, iniciada por Claus Germer e Divonzir Beloto. Os autores elucidam a maneira como os custos de circulação são repostos sem que haja um aumento puramente monetário nos preços. Modificamos alguns aspectos dessa análise, demonstrando que a necessidade de um ganho por parte dos capitalistas, para que ocorra essa divisão, torna necessário que ocorra um aumento no valor produzido pela sociedade em comparação ao período anterior.

Palavras-chave: capital comercial; teoria do valor; economia marxista

¹ Aluno de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico da Universidade Federal do Paraná

1- Introdução

O processo de separação entre os capitais comercial e industrial, tornando o primeiro qualitativamente autônomo, é algo sobre o qual pouca atenção vem sendo despendida pelos pesquisadores da teoria de Marx. No entanto deve-se apontar dois trabalhos que fazem importante contribuição ao tópico, Germer e Beloto (2006) e Beloto (2003).

O primeiro dos trabalhos citados utiliza um dos tópicos abordados no segundo no intuito de aprofundar o tema sobre o qual nos debruçaremos em seguida, o esclarecimento de um ponto deixado obscuro pela análise encontrada em Marx, K. (2008): a maneira como os custos de circulação devem ser subtraídos da mais-valia social.

O capital comercial é tido como autônomo quando, através da divisão do trabalho, emerge uma categoria de capitalistas exclusivamente voltados para o processo de circulação, em transformar mercadoria em dinheiro e dinheiro em mercadoria. Dessa maneira parte da rotação do capital industrial é efetuada agora por terceiros: o processo $M' - D'^2$ se torna, sob a ótica do capitalista comercial, $D - M - D'$.

“Assim o capital-mercadoria, quando capital comercial, toma a figura de uma espécie autônoma de capital, por adiantar o comerciante capital-dinheiro que só se valoriza e funciona como capital, ocupando-se exclusivamente em propiciar a metamorfose do capital-mercadoria, a função do capital-mercadoria, sua transformação em dinheiro, o que faz por meio de compra e venda contínuas de mercadoria”. [Marx, 2008, p. 368].

Antes dessa possibilidade, parte do capital industrial havia de ficar um tempo maior cristalizado em sua forma mercadoria, até que ocorresse o fim do ciclo de reprodução, onde a mercadoria deixaria de ser capital-mercadoria e entraria na esfera do

² Que faz parte do processo $D - M \dots P \dots M' - D'$.

consumo (produtivo ou individual). Com o surgimento dessa nova classe de capitalistas, o industrial não mais precisa ter essa reserva de capital a ser imobilizada, pois sua produção será vendida ao comerciante, permitindo que seu capital seja novamente reinvestido em meios de produção e mão de obra para produzir mais valia, enquanto o capitalista comercial se encarregará de dar continuidade ao processo de circulação, do qual ele agora é o responsável³.

Para que possa efetuar seu propósito o capitalista comercial deve dispor de capital para adquirir mercadorias junto aos industriais, ou seja, *capital de aquisição* (C_a), além de mão de obra e custos com transporte, mobiliário, e materiais diversos que possibilitarão o procedimento de compra e venda. Os gastos produtivos envolvidos com transportes e outros, que Marx diferencia como processos geradores de mais-valia que acontecem fora do ciclo produtivo, não serão contabilizados, e os outros citados serão tidos como *custos puros de circulação* (cc).

Essa forma peculiar de se contabilizar a mão de obra no processo de circulação do capital ocorre pelo fato de essa não ser geradora de mais valia, já que não participa do processo produtivo, não transmite nem cria valor, como descrito em Marx, K. (2008). Esse fato também faz com que o trabalho do proletário ligado ao setor comercial seja remunerado a partir de uma subtração da mais-valia social, e que o seu patrão, o capitalista do comércio, obtenha seu lucro [l_c (calculado pelo lucro médio)] a partir de um valor a ser subtraído diretamente mais-valia do capitalista industrial.

Marx apresenta de maneira completa o modo como o lucro do capitalista comercial advém de parcela da mais-valia produzida no setor industrial, através da aquisição das mercadorias por um preço abaixo do preço de produção. No entanto, o modo como os custos estritos de circulação são pagos carece de trabalho complementar. Germer e Beloto (2006) (doravante GB) é muito elucidativo nesse último quesito, ao detalhar todo o processo.

Os custos estritos de circulação terão influência dupla sobre o processo, ao ser ressarcido como capital adiantado pelo capitalista comercial (através do lucro subtraído da mais valia do processo de produção) e ao ser recuperado, por meio de um acréscimo

³ Como feito por Marx, e os outros artigos citados, simplificaremos a análise ao admitir que o capitalista industrial vende toda sua produção ao capitalista comercial, não havendo, portanto, possibilidade de venda direta ao consumidor final ou a outro capitalista industrial.

no preço de venda da mercadoria final. Nesse segundo aspecto, GB aponta um erro de Marx ao adicionar ao preço os custos estritos circulação diretamente, sendo que o valor produzido se torna inferior ao montante da venda final. Para resolver a questão GB propõe uma maneira pela qual os custos de circulação sejam subtraídos da mais valia social, e assim solucionando a questão apontada.

A proposta desse artigo é, então, apontar que, apesar de GB ter demonstrado corretamente o processo pelo qual os custos de circulação são pagos, não há incoerência em Marx ao aumentar o preço final de venda das mercadorias, pois essa seria acompanhada por um maior valor produzido. O artigo será dividido em outras quatro sessões: a primeira discorrerá sobre o modo de surgimento do capital comercial como categoria qualitativamente autônoma; a segunda tratará brevemente sobre a questão da visão de decréscimo da taxa de lucro médio nesse processo; a terceira apresentará nossa contribuição ao trabalho de GB; e a última apresentará a conclusão.

2- O surgimento do capitalista comercial

O período de reprodução do capital conta com duas fases, a de produção e de circulação. Enquanto a mercadoria se encontra na segunda fase, o capital não reflui para o capitalista industrial, e esse não pode continuar o processo de produção. Para que a continuidade ocorra, existem duas alternativas: (a) A diminuição da escala de produção, onde parte o capital destinado à produção teria seu consumo produtivo adiado para ocorrer simultaneamente à passagem das mercadorias já produzidas pelo processo de circulação.

“caso a produção não deva ser interrompida durante o tempo de circulação do capital produtivo transformado em capital-mercadoria, caso ela deva antes ter prosseguimento de modo simultâneo e contínuo, semana após semana, e não estando dado para isso nenhum capital circulante específico, então só pode consegui-lo mediante a restrição da marcha de produção, pela redução do elemento fluido do capital produtivo em funcionamento” [Marx, 1988, p.206, grifo nosso];

ou (b) caso não haja possibilidade da redução da escala de produção, só existe a possibilidade de um adiantamento adicional de capital fluido. Esse novo capital adicional é responsável por reiniciar o processo de produção, enquanto o capital normal investido está em seu processo de circulação, e só estará novamente disponível ao fim do mesmo.

Marx aponta uma série de impossibilidades para a ocorrência da diminuição de escala de produção, por esse motivo partiremos da possibilidade (b). O que iremos analisar, então, são as diferenças do adiantamento desse capital extra quando feito pelos próprios capitalistas industriais ou pelos comerciais. Antes porém, utilizaremos essa seção para apresentar a contribuição feita por GB, e a partir disso construir nossa análise.

Visto de maneira agregada o capital industrial e o capital comercial são dois lados do mesmo capital, sendo, o segundo, parte do processo de reprodução do primeiro, sua existência enquanto capital-mercadoria. *“Parte do capital total da sociedade encontra-se sempre no mercado nessa forma de existência de capital de circulação, em via de metamorfosear-se”* (MARX, 2008 p. 362).

Considerado como indivíduo, o capitalista comercial é o detentor da massa de capital-dinheiro a ser adiantada no processo de circulação com o intuito de ser valorizada. Essa valorização se dará a partir da taxa anual de lucro médio, e o fato de essa ser considerada anualmente é ponto importante a ser observado, e chave para contribuir com o trabalho de GB.

Marx analisa o evento de distinção entre os capitais por partes, não incluindo os custos estritos de circulação em um primeiro momento. Na primeira etapa, enquanto se contabiliza somente o capital de aquisição (c_a), o capital comercial será valorizado retirando diretamente parte da mais-valia obtida do setor produtivo, ao comprar a mercadoria por um valor abaixo de seu preço de reprodução, como demonstraremos a seguir.

Suponha um capital constante de 600 e um capital variável de 200 no setor produtivo, sendo a taxa de mais-valia de 100%⁴. Agora, adicione um setor de comércio

⁴ Aqui adicionamos a suposição que o ciclo do capital é de um ano.

que conte com 100 de capital de aquisição⁵. Se antes a taxa média de lucro era calculada apenas a partir do volume de capital adiantado pelo industrial, agora deverá ser adicionado a isso o c_a .

No entanto não se resume a capital de aquisição o volume de capital adiantado pelo capitalista comercial. Valores referentes a salários e materiais em geral necessários para o cumprimento da função de comerciante também devem ser contabilizados, e recuperados no ato da venda da mercadoria. Como o valor de venda não pode diferir do valor produzido (pois isso implicaria em aumento puramente monetário do preço, ou sugeriria que o processo de circulação é capaz de gerar valor), cabe então encontrar a forma como se processa a recuperação dessa quantia pelo comerciante. Demonstraremos como GB soluciona essa questão, aplicando sua proposta à composição do capital citada acima.

Seja c o capital constante, com valor de 600; v o capital variável, igual a 200; m a massa de mais valia, também igual a 200 (dada a taxa de mais valia de 100%); c_a o capital de aquisição adiantado pelo comerciante, no valor de 100; e cc os custos estritos de circulação, de 50; temos, sendo C_i o capital adiantado pelo industrial e C_{co} o adiantado pelo capitalista comercial:

$$C_i = c + v = 600 + 200 = 800, \text{ e } C'_i = c + v + m = 600 + 200 + 200 = 1000$$

$$C_{co} = C_a + cc = 100 + 50 = 150$$

$$l'_m = \frac{M}{C_i + C_{co}} = \frac{200}{950} = 21\% \text{ e } L = l'_m(C_i + C_{co}) = 0,21 \times 950 = 199,5$$

$$L_i = l'_m C_i = 0,21 \times 800 = 168 \text{ e } L_{co} = l'_m C_{co} = 0,21 \times 150 = 31,5$$

$$PP_r = c + v + m - c_a - L_{co} = 600 + 200 + 200 - 100 - 31,5 = 878,5$$

Com o exposto acima é simples verificar o modo como os capitalistas industrial e comercial recebem os lucros (L_i e L_{co}) em relação a seus respectivos adiantamentos, com base na taxa média de lucro da economia. Como se pode notar, o capitalista

⁵ Claramente esse capital do setor não produtivo deverá efetuar diversas rotações vezes durante o ano para movimentar toda a produção, no entanto isso não gerará maior ou menor impacto em sua taxa de lucro, tornando a taxa média de lucro na economia e o volume de capital investido pelos capitalistas comerciais as únicas fontes de mudança na massa de lucro obtida pelos mesmos.

mercantil⁶ não recupera o valor adiantado em forma de capital de aquisição ($c_a = 100$) através de um aumento no preço de venda, mas sim por meio de uma subtração do preço de produção (PP), formando o preço de produção restrito (PP_r) que será o verdadeiro valor que ele pagará ao capitalista industrial pela aquisição das mercadorias (considerando todas as rotações do capital comercial necessários para tal).

Como os custos estritos de circulação ($cc = 50$) ocorrem após a aquisição da mercadoria pelo capitalista mercantil, esses não podem ser subtraídos diretamente do preço de produção, e por esse motivo seriam adicionados ao preço de venda final (que seria então igual a 1050 no nosso exemplo). Mas GB discorda desse método, alegando que o preço de venda estaria acima do valor produzido, e por isso desenvolve uma abordagem mais detalhada que a apresentada n' *O Capital*, que não incorra nesse problema.

Para tanto, GB parte do pressuposto de que os meios de produção necessários são adquiridos já adicionados de custos de circulação proporcionais.

“Isto justifica-se facilmente: a comercialização dos meios de produção, pelos comerciantes, implica que estes incorrem nos custos de circulação correspondentes, que devem ser repassados aos preços de venda, caso contrário a atividade comercial não poderia subsistir”. (Germer e Beloto, 2006, p.73)

No caso dos custos variáveis, ou seja, do salário dos trabalhadores do setor produtivo, esses não podem ser adicionados de custos de circulação diretamente pelo capitalista mercantil, já que sua venda não é intermediada pelos mesmos. Aqui os custos de circulação serão adicionados por meio do consumo, já que o salário corresponde aos meios de consumo necessários para a reprodução da força de trabalho. O preço das mercadorias será então acrescido, mas, como o salário não pode estar abaixo do custo de reprodução da força de trabalho, esse terá de aumentar na mesma proporção.

Visto de forma agregada, todos esses acréscimos acabarão sendo descontados da mais valia social, assim como a parte correspondente ao consumo do capitalista, que

⁶ O capital mercantil também abrange o capital financeiro, mas, assim como Marx, consideraremos esse nulo para facilitar a análise.

também será acrescida de custo de circulação. Isso poderá ser esclarecido de maneira mais simples por meio de uma demonstração numérica.

Considerando o exemplo acima, os custos estritos de circulação ($cc = 50$), corresponderiam a 5% do valor do preço de produção ($PP = 1000$), ou seja, do valor do preço de venda ao consumidor final caso esses custos não existissem. Dessa maneira acrescentamos os meios de produção dessa percentagem, assim como o salário.

$$c = 600 + 5\% = 630$$

$$v = 200 + 5\% = 210$$

Esses são os novos preços dos meios de produção. Se o capitalista decidisse adiantar os valores anteriores, haveria uma redução em sua produção, ou seja, para continuar a produzir na mesma escala, o capitalista industrial terá de subtrair esse valor de sua mais valia.

$$m = 200 - 30 - 10 = 160$$

$$\text{Então, } C_i = 630 + 210 + 160 = 1000$$

Nota-se que explicamos o modo de reposição de 40 dos 50 correspondentes aos custos estritos de circulação, restando 10. A primeira coisa a considerar agora é que os próprios custos de circulação não representam seu valor real, mas já acrescidos de custos de circulação. Com isso devemos considerar que esses 50 correspondem na verdade a um valor real dos custos de circulação adicionados de 5%, ou seja, o custo de circulação é, aproximadamente, 48.

A partir do exposto podemos calcular o valor que deverá ser subtraído da mais valia a ser utilizada para o consumo capitalista.

$$0,05(c + v + cc_r) = 0,05(848) \cong 42$$

Esses valores correspondem à quantia que os capitalistas terão de subtrair de sua mais valia no intuito de manter o volume de produção igual ao que seria se não houvessem custos de circulação. Mas o novo lucro, que, nesse caso de reprodução simples, será utilizada para consumo integralmente, também deverá ser reduzido desses custos.

$$0,05(m) = 0,05(200 - 42) \cong 8$$

$$30_c + 10_v + 2_{cc} + 8_m = 50$$

Com isso, todo o custo de circulação será descontado da mais valia gerada pelo ciclo de reprodução, que será agora 150.

$$C_i = c + v = 600 + 200 = 800, \text{ e } C'_i = c + v + m = 600 + 200 + 200 = 1000$$

$$C_{co} = c_a + cc = 100 + 50 = 150$$

$$L = m - 50 = 150$$

$$l'_m = \frac{150}{950} \cong 16\%$$

3- A variação na taxa de lucro médio

Sem a existência da figura do capitalista comercial, o industrial seria o responsável por garantir a metamorfose do capital-mercadoria, que o próprio produzira, em capital-dinheiro, permitindo a mercadoria adentrar a esfera do consumo. Essa necessidade tornaria necessário um maior tempo até que o capitalista industrial obtivesse, novamente, capital disponível para ser valorizado no processo de produção. Outro ponto importante é que o capital adiantado pelo capitalista comercial será sempre menor do que o capitalista industrial teria de imobilizar em forma de capital mercadoria caso necessitasse de realizar o processo de circulação.

“Em virtude da divisão do trabalho, o capital que se ocupa exclusivamente com compra e venda [...] é menor do que o que seria necessário para esse fim, se o próprio capitalista industrial tivesse de explorar toda a parte mercantil de seu negócio.” (Marx, 2008, p.370)

Esse fenômeno, de divisão do trabalho, teria, então, de ocasionar um aumento da taxa de lucro médio dos capitalistas, por se tratar de um aumento de eficiência.

A necessidade de um menor volume de capital para o processo de circulação, quando em forma de capital adiantado (no caso do capitalista comercial) se comparado

à forma de capital-mercadoria imobilizado a espera de completar essa fase (no caso de o capitalista industrial ser o responsável pela circulação), acarretará um aumento da taxa de lucro médio da economia, assim como demonstrado abaixo:

- Circulação feita pelo capitalista industrial

$$c = 600, v = 200, m = 200 \text{ e } c_r = 200$$

Então a taxa de lucro médio é:

$$l'_m = \frac{200}{1000} = 0,2$$

Sendo c_r o volume de capital adiantado pelo industrial ocupado da função de dar continuidade ao processo de reprodução enquanto a mercadoria produzida está na esfera da circulação.

- Circulação feita pelo capitalista comercial

$$C = 600, V = 200, M = 200 \text{ e } C_a = 100$$

Então a taxa de lucro médio é⁷:

$$l'_m = \frac{250}{1100} = 0,227$$

O importante aqui é argumentar como é incoerente a suposição de decréscimo da taxa média de lucro a partir de um processo de especialização do trabalho. Se essa queda realmente acontecesse, não haveria sentido em o capitalista industrial utilizar terceiros para completar o processo de reprodução do capital. “Em virtude da interferência do comerciante, pode o produtor continuamente empregar parte maior de seu capital no processo de produção propriamente e manter menor reserva monetária” [Marx, 2008, p.370]

A exposição feita acima difere do capítulo 17 de Marx, (2008). Isso se dá por optarmos por um caminho diferente ao explicitar o surgimento do capital comercial. Nos exemplos numéricos Marx não permite a possibilidade de o capitalista industrial incorrer em custos ao imobilizar capital na forma de capital-mercadoria (que seriam maiores que se os adiantamentos fossem feitos por comerciante), pois pretende

⁷ Valores aproximados são utilizados em todos os cálculos.

demonstrar que o ciclo comercial adiciona custos não produtivos, diminuindo o lucro médio da economia. Por outro lado, nesse trabalho, focamos na divisão do trabalho, em como ela acarretaria um aumento da taxa de lucro médio, já que, se toda a atividade fosse relegada ao mesmo capitalista, ela geraria custos maiores. Por esse motivo a taxa de lucro calculada aqui assume sentido oposto ao estudo de GB.

O exposto acima ainda não contabiliza outros gastos do comércio além do valor a ser adiantado para ser capital-mercadoria, no entanto essa especialização influenciará de outras formas a tornar o capital adiantado para o ciclo comercial menor.

“Ao contribuir para ampliar o mercado e ao propiciar a divisão do trabalho entre os capitais, capacitando portanto o capital a operar em escala maior, favorece a produtividade do capital industrial e a respectiva acumulação (...) Ao reter na esfera da circulação parte menor de capital na forma de capital-dinheiro, aumenta a parte do capital diretamente aplicada na produção.” [Marx, 2008, p. 375 (grifo nosso)].

Todos os fatores apresentados acima nos levam a crer que o surgimento do capital comercial tornaria maior a taxa média de lucro.

4- Contribuição para o entendimento do fenômeno

Como pôde ser visto até aqui, o grande problema do surgimento do capital comercial é a maneira como o capitalista comercial recupera o valor adiantado em forma de custos estritos de circulação sem que o aumento do preço final seja simplesmente monetário. A necessidade do adiantamento desse valor se dá, principalmente, pela escala crescente da concentração do capital, que caso não ocorresse, acarretaria uma subdivisão muito grande do capital comercial, diminuindo a taxa de lucro. Isso acontece, pois o capitalista mercantil adianta mais capital se não há a presença do trabalhador mercantil.

“Se cada comerciante só possuísse a quantidade de capital que fosse capaz de girar pessoalmente, com o próprio trabalho, sucederia uma

fragmentação sem fim do capital mercantil (...) assim perder-se-ia grande parte das vantagens do capital mercantil” (Marx, 2008 p. 393).

Os custos de circulação passam por 2 processos: 1) primeiramente, o capitalista comercial, deve receber o lucro médio, pela sua função pura de capital. Isso se dará da mesma forma que acontece com o capital de aquisição, comprando a mercadoria do capitalista industrial por um valor abaixo de seu preço de produção; 2) Após esse adiantamento deverá ser reposto ao capitalista comercial, sendo subtraído da mais valia social.

Como pode ser visto no exposto acima, além da remuneração pela taxa de lucro, o capitalista mercantil adicionará o valor adiantado em salários ao preço final da mercadoria, mas, ao contrário do que pode parecer em primeiro momento, esse aumento não é simplesmente monetário. A forma como esse valor é deduzido da mais valia social foi deixada obscura por Marx, mas muito bem esclarecida por GB. Outro problema apontado pelos autores seria a de que Marx teria se equivocado ao encontrar um preço de venda total superior ao valor total do produzido, ou seja, no nosso exemplo, o valor produzido seria de $c + v + m = 1000$, mas o valor que chega como preço das mercadorias é de $c + v + m + cc = 1050$.

Ao solucionar essas questões, GB justifica que Marx teria se equivocado ao definir o valor final de produção, passando de 1080 para 1130 (com dados de *O Capital*). No entanto consideramos que não há erro em considerar que há um aumento no preço de venda das mercadorias, pois o valor produzido aumentariam na mesma proporção por conta do surgimento do capitalista comercial.

Se olharmos com atenção, veremos que a presença do capitalista mercantil tornará o ciclo comercial mais rápido, aumentado a velocidade de circulação do capital como um todo. Essa melhoria deve se dar em uma escala que, no mínimo, mantenha a taxa de lucro igual a anterior, já que se a tornasse menor a divisão entre os capitais não teria razão de acontecer. Para isso o capitalista industrial poderá, no mesmo ano, voltar a adquirir capital constante e variável e produzir um maior volume de mais valia, compensando o lucro cedido aos custos de circulação.

Partindo do pressuposto que a divisão do trabalho ocasionada pelo surgimento do capitalista comercial não pode gerar um lucro menor do que antes desse fato, assim como apontado por Marx:

“se o capital comercial mercantil fica dentro dos limites em que é necessário, haverá apenas a seguinte diferença: com essa divisão das funções do capital, menor tempo se empregará especificamente no processo de circulação, menor capital adicional se adiantará para esse processo e a perda no lucro total, configurada no lucro mercantil, se reduzirá.” [Marx, 2008, p.390].

Admitimos que o capitalista industrial produza um volume maior de mercadoria em menos tempo, já que precisará esperar por tempo menor pelo ressarcimento do capital adiantado e, visto de modo agregado, será adiantado um menor volume de capital para o processo de circulação. Desse modo, se antes o industrial receberia 1000 pela venda de suas mercadorias em um período de 1 ano, agora ele pode receber esse valor em 10 meses, por exemplo. Com isso, ele pode adquirir novos meios de produção para o processo de reprodução durante esse período sobressalente de 2 meses. Logicamente, para que esse processo ocorra, deve retornar aos capitalistas um lucro no mínimo igual ao anterior.

Para perceber esse efeito devemos tomar os custos de aquisição e os custos estritos de circulação surgindo simultaneamente. Se antes eram necessários 200 para os custos de circulação, a eficiência do capitalista comercial reduz esse valor a 150. Com o capital disponível em velocidade maior, já que o capital do industrial não precisará percorrer todo o caminho do ciclo de reprodução, mas apenas até o comerciante, pode o capitalista industrial adquirir novamente meios de produção, adiantando o mesmo capital. Isso ocorre dado que, se o tempo de circulação se reduz, reduzindo assim a proporção necessária de capital para essa atividade, “aparece [...] mais capital monetário disponível no mercado. Perdurando essa situação por mais tempo, a produção será ampliada onde isso for possível”. [Marx, 1988, p.198]. Esse capital monetário sobressalente nada mais é que o adiantamento adicional que o industrial havia de fazer para evitar que sua produção parasse.

Apenas essa reaquisição de meios de produção não bastaria para um aumento da mais valia, já que, sem adicionar a contratação de mais mão-de-obra, estaríamos

implicando em uma maior taxa de mais valia. Mas como houve uma redução, em nosso exemplo, de um valor de 50 no processo de circulação, esse pode ser utilizado para adquirir mão-de-obra, que estava a formar o exercito reserva. Ou seja, os novos trabalhadores (capital novo) manusearão meios de produção adquiridos em forma de reinvestimento de um mesmo capital. Assim teremos:

- Sem capitalista comercial

$$C = 600, V = 200, M = 200 \text{ e } C_r = 200$$

$$P_v = c + m + v = 1000$$

$$l' = \frac{200}{1000} = 0,2$$

- Com capitalista comercial

$$C = 600, V = 250, M = 250, C_a = 100 \text{ e } CC = 50$$

$$C_a + CC = 150$$

$$l = 250 - 50 = 200$$

$$l = \frac{200}{950} = 0,21$$

$$l_i = l \cdot (C + V) = 0,21 \cdot (800) = 168 \text{ e } l_c = l \cdot (C_a + cc) = 0,21 \cdot (150) = 32$$

$$PP_r = C + V + M - C_a - l_c = 918$$

$$C' = C + V + M = 1050$$

$$P_v = PP_r + l_c + CC = 1050$$

Aqui podemos perceber que, tomando o ano de produção, o preço de venda realmente aumenta para 1050, mas o valor gerado é suficiente para adquirir toda a produção ($600 + 100 + 250 = 1050$), solucionando a incoerência apontada por GB. A taxa média de lucro continuará a mesma, enquanto a nova produção não necessitará incorrer em custos de circulação (o que diminuiria novamente o lucro do capitalista), pois já foram completamente pagos, e não houve aumento do mesmo, já que a amplitude temporal onde foi fixado o valor do trabalho não produtivo continua o mesmo.

Com isso o valor produzido é igual ao preço de venda final, e a taxa de lucro da economia continua a mesma (ao menos), solucionando a incoerência da existência de um processo de divisão do trabalho que surgiria de modo desvantajoso. No segundo exemplo podemos admitir que os custos de circulação aumentem em relação àqueles da sessão 2, já que terão de movimentar maior valor, modificando todo o cálculo feito acima. No entanto a mudança de valores seria mínima, e não modificariam o fato de o valor produzido ser igual ao preço final, ou de a taxa de lucro ser ao menos igual ao cenário onde não existia o capital comercial, apenas tornariam a exposição menos simples.

Conclusão

O que tentamos demonstrar foi como a divisão do capital em industrial e comercial, criando duas classes de capitalistas, deve agir no sentido de diminuir o tempo de circulação das mercadorias, complementando o trabalho iniciado por Germer e Beloto (2006), e assim elucidando parte obscura da teoria de Marx.

Também buscamos apresentar de maneira formal como os custos de circulação não irão tampouco diminuir a taxa média de lucro, já que sua atuação junto ao tempo de rotação deve, no mínimo, compensar o volume de mais valia a ser retirada da riqueza social para ressarcir esse processo. Se esse fenômeno não ocorresse, o mais lógico seria o não surgimento do capital comercial, pois seria desvantajoso para os capitalistas.

Referência Bibliográfica

BELOTO, Divonzir L. O Capital de Comércio de Mercadorias. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2003.

GERMER, Claus; BELOTO, Divonzir L. *Marx e o problema dos custos de circulação como dedução da mais-valia*. Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política, Rio de Janeiro, n.18, pp. 62-85, 2006.

MARX, Karl H. *O Capital: Crítica da Economia Política, Livro Segundo*. São Paulo: Nova Cultura, 1988.

MARX, Karl H. *O Capital: Crítica da Economia Política, Livro Terceiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.